

Narrativas interculturais: educação em Ciências e capoeira com adolescentes privados de liberdade

DANILO SEITHI KATO¹

MICHAEL LUCIANO DAS GRAÇAS SILVA²

Resumo

O presente artigo trata de uma análise sobre a construção de uma narrativa intercultural entre o conhecimento científico escolarizado e a capoeira como manifestação cultural afro-brasileira. Para sua realização, foi necessária uma parceria com o Centro Cultural da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), o Centro Socioeducativo de Uberaba e a Escola Estadual “Santa Terezinha” da cidade de Uberaba, Minas Gerais. A ação apoiou-se nos princípios da Lei nº 10.639/2003 em contexto escolar, com adolescentes que cumprem medida socioeducativa. Este estudo está fundamentado nos pressupostos da interculturalidade crítica e de uma abordagem qualitativa em educação com enfoque em análise de narrativas. Como principal resultado, apresenta-se a relação identitária estabelecida pelo texto autoral produzido pelos adolescentes quando envolvem aspectos próprios da cosmovisão da capoeira em aulas de Ciências.

Palavras-chave: Educação Popular. Educação científica. Capoeira.

Intercultural narratives: Science education and capoeira with adolescents deprived of their freedom

Abstract

This article is an analysis of the construction of an intercultural narrative between scientific scholar knowledge and the study of Capoeira, as Afro-Brazilian cultural manifestation. For your implementation, it was necessary to partnership with the Cultural Centre-Universidade Federal do Triângulo Mineiro

(UFTM), Educational Centre of Uberaba and public school Santa Terezinha “of the city Uberaba, Minas Gerais. The action relied on the principles of Law 10.639/03, in the school context, this time with teenagers who fulfil social and educational measure. This study is based on the assumptions of critical interculturalism of a qualitative approach in education with a focus on analysis of narratives. As a main result, we present the identity relationship established by the authorial text produced by teenagers when they involve aspects of Capoeira in science classes.

Keywords: Popular Education. Science education. Capoeira.

Narrativas interculturales: educación en Ciencias y capoeira con adolescentes privados de libertad

Resumen

Este artículo es un análisis de la construcción de una narrativa intercultural entre conocimiento científico y la Capoeira estudiado como manifestación cultural afrobrasileña. Para su logro, Requiere asociación con el Centro Cultural de la Universidad Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Centro Socioeducativo de Uberaba y la escuela “Santa Terezinha” en la ciudad de Uberaba, Minas Gerais. La acción se basó en los principios de la Ley 10.639/03, en el contexto escolar, esta vez con adolescentes que cumplen medida socioeducativa. Este estudio se basa en los supuestos de la interculturalidad crítica desde un enfoque cualitativo en la educación a partir de las análisis de las narrativas. Como resultado principal, presentamos la relación de identidad establecida por el texto autoral de adolescentes cuando involucran aspectos propios da cosmovisão da Capoeira en clases de Ciencias.

Palabras clave: Educación Popular. Ciencias de la educación. Capoeira.

Entrando na roda: práticas corretivas ou educativas?

*Um dia um grande amigo, ele me disse assim
Vamos jogar Capoeira, vamos lá brincar
Muita gente conheci, aí foi que eu entendi
Que a Capoeira ela veio pra me ajudar
Tu não sabe o valor.
Mestre Burguês*

As mudanças ocorridas advindas do sistema capitalista resultaram em várias problemáticas no decorrer do tempo, atingindo as relações so-

ciais de diversos segmentos, como os compostos por adolescentes na faixa etária de 14 a 18 anos. Essas mudanças ocasionaram uma série de fatores influenciadores na sociedade, por exemplo, os atos infracionais.

Esses atos infracionais têm surgido devido às novas formas de organização social, fazendo com que cada vez mais adolescentes consumam, de forma individualizada, aquilo que a sociedade lhes cobra como um padrão de *status* visto perante o outro. Essa busca pelo consumo e, conseqüentemente, pelo poder de compra tem como princípio a busca pelo reconhecimento social (BAUMAN, 1998).

Nesse sentido, ao cometerem um crime e não serem bem-sucedidos, esses jovens são direcionados a cumprir medida socioeducativa. A medida é socioeducativa porque sua operacionalização prevê um conjunto de práticas políticas, jurídicas e pedagógicas a serem desenvolvidas cotidianamente pelas instituições de atendimento (GURALH, 2010).

Um dos caminhos alternativos que inspiram a ressocialização é por meio da realização de metodologias de ensino interculturais. Nessa visão, este artigo possibilitou um trabalho integrador entre o ensino de Ciências e a capoeira por meio do desenvolvimento de narrativas interculturais. A proposta atende à Lei nº 10.639/2003, que prescreve o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio (BRASIL, 2003).

A perspectiva intercultural, segundo Candau (2008), é uma maneira de busca por uma educação que possa promover o reconhecimento de competências e habilidades do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais, fazendo, assim, com que se possa olhar as particularidades de cada sujeito que está em processo de busca por um conhecimento que seja mais acessível e de acordo com sua realidade de vida.

Historicamente, a capoeira pode ser abrangida como uma manifestação cultural afro-brasileira que transcorre a formação da sociedade brasileira, por causa de sua origem e sua história estarem vinculadas ao contexto escravocrata que se fez presente no Brasil, configurando-se como um artefato de luta e enfrentamento do povo negro à cruel opressão desencadeada nesse contexto, sendo reconhecida pela UNESCO como patrimônio cultural da humanidade (CASTRO; FONSECA, 2008).

Visando compreender o contexto de desenvolvimento dessa discussão, é preciso compreender o perfil desses jovens privados de liberdade. Nesse sentido, recorre-se à Constituição Federal de 1988, em que o artigo 227 deixa claro que a principal orientação quanto à proteção da juventude é:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Esse artigo foi regulamentado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069 (BRASIL, 1990). Logo, foi preciso a elaboração de um órgão que buscasse uma forma de enfrentar as situações de combate à violência praticada pelos adolescentes autores de atos infracionais ou vítimas de violação de direitos, no cumprimento de medidas socioeducativas (MONTE *et al.*, 2011). Nesse sentido, surgiu o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE).

Mas o que vem a ser um adolescente privados de liberdade? Para o SINASE, em seus artigos 108 e 122, quando se fala em adolescentes privados de liberdade, trata-se daqueles que cometeram atos infracionais graves, foram apreendidos e, posteriormente, por imposição judicial, passaram a cumprir a medida socioeducativa de internação (BRASIL 1990, 2006).

Na busca por reinserção social, há de considerar que a escola assume um papel formativo importante em uma lógica democrática. Nessa perspectiva, essa discussão vem ao encontro da possibilidade de desenvolver metodologias comprometidas com a inserção de diferentes visões por meio da criação de narrativas em uma perspectiva intercultural. Na visão de Bruner (1996), a narrativa é enquadrada como uma forma de pensar e organizar aquilo que se vive. Nesse sentido, a construção de narrativas pode ser compreendida como um recurso no processo da educacional. A narrativa é produzida a partir daquilo que passa a ter sentido, considerando o território em que o sujeito está inserido e suas subjetividades. Sendo assim, narrar é uma meio de compreender o que se aprende em suas experiências individuais.

Nessa premissa, o desenvolvimento de estratégias possíveis de reinserção dos adolescentes na sociedade, por meio do enfoque sobre práticas que assumam a diferença cultural, e as ponderações sobre o estudo das relações étnico-raciais, como pressuposto pedagógico para refletir sobre o contexto sociocultural de vivências dos sujeitos envolvidos,

são uma maneira eficaz para o desenvolvimento intelectual de maneira intercultural, abrangendo os saberes científicos em diálogos com outros aspectos culturais constitutivos dos sujeitos, como discutem Santos, Kato e Silva (2016, p. 1682):

Utilizamos o potencial dessa temática para explorar os conhecimentos científicos previstos no currículo escolar de Ciências bem como a ampliação do conceito de biodiversidade em diálogo com os saberes e as expressões artísticas populares afro-brasileiras, tendo como eixo a capoeira, através da proposta desenvolvida e intitulada Capociência.

As práticas sociais evidenciadas em seus contextos culturais potencializaram o estabelecimento de negociação de saberes envolvendo o ensino de Ciências na escola, com base nos conteúdos previstos no currículo dessa área do conhecimento, em meio às contradições presentes no contexto histórico e sociocultural que envolve a temática da capoeira.

Importante salientar que, na fase diagnóstica para a execução da atividade analisada neste trabalho, muitos adolescentes já se mostraram praticantes da capoeira; assim, neste levantamento preliminar, essa temática emerge como potência corporal e sónica para o grupo. Apoiando-se nas ideias de Freire (2005), procura-se a perspectiva investigativa sobre a realidade imediata, com suas contradições e seus desejos, para partir para a fase de diálogos e construção conjunta de uma narrativa. A perspectiva de fazer “com”, e não fazer “para”, vai ao encontro das premissas freireanas de não praticar a “invasão cultural”.

Tocando o São Bento Grande: o passo a passo da experiência intercultural narrada

*Todos juntos em plena harmonia cantando a canção,
Expressando a forte energia que é do coração,
Uniria o sol com a lua, misturaria a minha história com sua.
Eu criaria um mundo perfeito pra mim e pra você.
Criaria um mundo perfeito pra mim e pra você.
Contramestre Barata*

O trabalho baseia-se em um estudo empírico de cunho qualitativo. Godoy (1995) afirma que, quando o estudo é de caráter descritivo, é possível o entendimento do fenômeno como um todo.

Assim, buscou-se neste trabalho, com base na análise da narrativa construída por um grupo de inicialmente 60 jovens privados de liberdade, em conjunto com uma equipe de professores de Ciências, Arte, Pedagogia e capoeira, produtora cultural, músico e fotógrafa, discutir aspectos identitários e de ressocialização do jovem em conflito com a lei a partir de metodologias. Ainda, foram utilizados também os registros em caderno de campo sistematizados ao longo do processo e constituído por falas, conversas informais e observações gerais das interações para criação da história e dos estudos dos universos culturais envolvidos.

O projeto foi organizado com toda equipe descrita e alunos, com o intuito de construir e, posteriormente, analisar uma narrativa envolvendo a manifestação cultural da capoeira e os conhecimentos do currículo de Ciências, que representem situações próprias da realidade vivenciada pelos adolescentes.

Sendo assim, surgiram parcerias com o Centro Socioeducativo de Uberaba, a Escola Estadual “Santa Terezinha” e a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), para consolidação do desenvolvimento do projeto, realizado no ano de 2017 com os alunos dessa unidade de internação da cidade de Uberaba, Minas Gerais.

Para realização do projeto, foram propostas oficinas para acompanhamento da produção da narrativa central. A ideia foi promover encontros em que aspectos teóricos e práticos da Capoeira fossem problematizados em seu contexto histórico e social, por isso denominados “oficinas”. Os pontos de controvérsias culturais foram enfatizados como forma de auxiliar na construção da narrativa e das personagens representando situações próprias da realidade vivenciada pelos jovens.

Desde o início, foi proposto um trabalho em que os jovens seriam autores e que, por meio dos encontros, a equipe de capoeiristas, professores e artistas teria a tarefa de auxiliar essa construção. Ao final, a proposta era apresentar a narrativa na forma de uma encenação teatral para um público da universidade.

Como as atividades ocorriam nas aulas de Ciências e no contraturno das aulas, ao menos uma vez na semana, as atividades eram pensadas e repensadas a partir da própria demanda vinda dos adolescentes, o que confi-

gurou um desafio para a equipe mediadora do processo. Assim, as oficinas envolveram investigação sobre aspectos do contexto histórico e social da capoeira, bem como aspectos da Ciência, criação das personagens e da própria dinâmica narrativa.

À medida que a construção gerava dúvidas sobre a cosmovisão ou técnicas de capoeira, ou mesmo de conceitos ou elementos constitutivos da ciência escolarizada, os mediadores inseriam atividades vivenciais sobre elas. O uso de filmes, jogos, contação de histórias, dramatizações e outras práticas culturais foram estratégias didáticas para a criação da narrativa a partir dos princípios da ludicidade, da corporeidade e do movimento.

Para isso, foi feita uma articulação da capoeira expondo sua trajetória, sua história, sua ancestralidade e suas formas de representação no mundo, externadas pelo jogo, pela dança, pela luta, além de exercícios ginásticos e esportivos com os conhecimentos presentes no planejamento de Ciências.

Esse trabalho coletivo foi realizado durante os meses de junho a novembro de 2017, com quatro turmas do Ensino Fundamental II. As atividades foram conduzidas em dois espaços, ambiente de sala de aula concomitante com as oficinas extraclasse ministradas pela equipe do centro cultural da universidade parceira.

Os indicadores avaliativos das oficinas foram: a participação, o envolvimento com o projeto, as produções esperadas diante da narrativa a ser construída como produto final; a contingência de diálogos entre saberes da capoeira com o conhecimento científico escolar; a relação com elementos da história da capoeira e da realidade sociocultural dos participantes; e a dinâmica de construção das personagens e das narrativas com atenção aos aspectos geográficos e temporais da construção da narrativa. A apresentação final teve como indicadores avaliativos: o envolvimento com o evento; o comprometimento com a produção intelectual coletiva; os indicativos de autoria ao longo da atividade.

Organizando os instrumentos: as oficinas e as aulas de Ciências

*Capoeira identidade
Na rua e no terreiro, defendendo a liberdade
Agora é patrimônio brasileiro.
Enterpe*

Para as oficinas realizadas durante as aulas de Ciências, foi pensado em como conduzir esse processo. A roda de capoeira é um elemento sócio-cultural que se repete como símbolo de resistência cultural. A disposição das pessoas e sua participação conduzem a ideia de unidade na diversidade. Sendo assim, lembrou-se que um dos elementos evidenciados na capoeira é sua organização em roda, em que os capoeiristas, em dupla, expõem suas habilidades e fragilidades para os demais que observam atentamente (SILVA; HEINE, 2008). Além disso, a oralidade e a linguagem narrativa e metafórica das músicas foram trazidas para a própria organização da dinâmica das atividades.

Nessa relação, durante uma das oficinas em sala com os alunos, foi avaliada a capacidade de síntese sobre aquilo que foi vivenciado nos encontros. A partir de uma roda de conversa, foi estimulada a compreensão a partir da visão dos alunos sobre elementos que julgavam interessantes nestes universos culturais, capoeira e Ciências, para, partindo dessa percepção, criar uma forma de contar para alguém essas maneiras de perceber o mundo.

A oferta de elementos do imaginário social da cultura africana e da cultura afro-brasileira emergentes durante o processo criativo é uma premissa teórica do presente estudo. Os participantes discutiram e investigaram os diversos elementos culturais presentes e transmitidos oralmente por meio de contos, em suas diversas metáforas e imagens, realizando uma reflexão sobre os valores sociais.

Do mesmo modo, houve exercícios e atividades de criação e escrita criativa a partir dos elementos estudados, possibilitando que realizassem, coletivamente, a produção da narrativa. Uma narrativa na visão de Millar e Osborne (1998) é uma maneira enriquecedora de comunicação por meio do debate de ideias, que estejam integradas a um conjunto de saberes interligados uns aos outros.

No segundo momento, os adolescentes, por meio de contação de história, explicaram o filme “Besouro”, trabalhado durante as oficinas extra-classe. Nesse momento, cada aluno contou que o filme trazia o enredo de um menino que se transformou em mestre de capoeira. O resultado dessa atividade foi bem positivo. Os alunos que não participavam do projeto acharam interessante a história e emitiram opiniões relevantes na discussão.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar

uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Seguidamente, partindo da história contada pelos adolescentes, foi feita uma busca de elementos das Ciências Naturais encontradas no filme. Nesses encontros, foram discutidos elementos característicos de um quilombo e a biodiversidade associada ao meio ambiente descrito no filme, a base alimentar dos escravos, o porquê da escolha de um besouro como símbolo de resistência, além da morfologia e do comportamento desse artrópode.

Importante ressaltar que não era objetivo a simples associação de conteúdos escolares de Ciências Naturais como forma explicadora de elementos simbólicos no filme, mas sim discutir com o professor da área os aspectos de correlação entre esses dois universos culturais. Assim, foi possível estabelecer o cruzamento de fronteiras culturais por demanda induzida no processo de construção da narrativa.

De acordo com Aikenhead (2010), esse movimento em direção às fronteiras culturais propiciam ao sujeito a percepção das diferenças que mobilizam elementos de uma e de outra cultura em um processo dialógico. Isso está de acordo com Freire (2005), que critica a educação antidialógica a partir de uma concepção de aula como informe ou como uma narrativa fechada e emitida pelo professor responsável. Na contramão dessa perspectiva criticada por Freire, adotou-se a construção coletiva a partir da mediação da equipe, no sentido de apontar as fronteiras que, percebidas, pudessem gerar o ímpeto de posicionamento dos sujeitos (Figura 1).

A terceira fase, após vivências com mestres e professores de capoeira e a discussão do filme “Besouro”, partiu-se para outras atividades ligadas à arte. As discussões anteriores propiciaram a estruturação básica da história, utilizando a técnica de construção de texto coletivo. Então foram colocadas na lousa as questões: onde? Quando? Por quê? Quem? Assim, os participantes puderam pensar em elementos temporais e espaciais em que a história criada passaria. O eixo central da história foi delimitado a partir da mediação e da discussão do grupo como um todo:

Figura 1. Adolescentes privados de liberdade durante a fase de construção da narrativa.



Fonte: Marilda Silva Pereira (2017).

A história se passa em um período próximo a 1800, no Rio de Janeiro. Dois meninos brincam nas proximidades de uma “casa de angü”, sendo que um é filho de ex-escravo liberto e o outro [é filho] de pais portugueses. Um terceiro menino passa correndo pelos dois anteriores e se mostra em fuga de homens da “guarda imperial”. Os meninos tentam ajudar e são pegos, contudo apenas o menino negro e filho de escravos é que é preso. O adolescente jura vingança (Texto inicial produzido pelo grupo de adolescente com base nas discussões anteriores e sob mediação dos professores).

Uma das integrantes da equipe com formação na área auxiliou no processo investigativo de adequação da abordagem, que tinha como principal intuito otimizar os aspectos criativos das personagens. Assim, foram realizados dois encontros com intuito de construir as personagens que fazem parte da história central. Em uma primeira atividade, a pergunta “Quem?” foi respondida pelos jovens que delimitaram nomes e características sociais e psicológicas das personagens. Em outro encontro, a professora com formação em Artes propôs uma prática de pintura em aquarela, com o desafio de representar nas telas as personagens partir de suas características físicas, afetivas, e relações sociais (Figura 2).

Dando sequência às atividades em sala de aula, foi proposto aos adolescentes, depois do eixo central, dos elementos tempo-espaciais e da construção das personagens, o desenvolvimento da história a ser narrada. Nessa fase, já era indicado que o formato de apresentação seria uma ence-

nação utilizando elementos corporais. Assim, o gênero narrativa possibilitou pensar no papel do narrador e em quem dos jovens faria o papel das personagens – fase importante a ser analisada na seção de resultados sobre como a incorporação da personagem e a sua representação revelaram aspectos identitários dos próprios sujeitos.

Figura 2. Adolescentes privados de liberdade durante a construção dos personagens principais, João e Pedro, da narrativa.



Fonte: Marilda Silva Pereira (2017).

Por ser uma instituição somente com atendimento a jovens do sexo masculino, uma bolsista do centro cultural, acadêmica do curso de Geografia, propôs-se a representar a única personagem feminina da história; o professor de capoeira também participou como personagem coadjuvante da história, o pai do protagonista que era mestre de capoeira. Essa participação permitiu uma aproximação ainda maior entre mediadores e participantes.

A estrutura do texto foi pensada a partir da delimitação de quatro cenas, as quais tinham o intuito de apresentar o contexto e a trama pensada, as cenas de aprendizado, a preparação para o nascimento de um herói, o conflito e o clímax da história e, por fim, o desfecho, que envolveu uma questão de injustiça social, mas que passa uma mensagem de transformação do ódio e da vontade de vingança em amor. Essa forma de condução da narrativa como texto a ser representado pelos autores será discutida a seguir, como meio potente de estabelecer vínculos com o outro sem desconsiderar o contexto de desigualdades que violentam e oprimem os sujeitos, perspectiva fundamental para diálogos interculturais críticos, como já defendido por como Freire (2005) e Walsh (2010).

Ao longo dos encontros sobre o desenvolvimento das cenas, os alunos pensaram em vários aspectos associados às Ciências Naturais. Além das questões ambientais que caracterizavam o espaço em que ocorria, a dinâmica das personagens envolvia argumentos científicos e elementos de magia, como conflitos que se colocavam para os dilemas da narração.

Assim, eles conversavam com o professor de Ciências para sistematizar a articulação de conceitos científicos como forma de estruturar o texto autoral. Como a história se passou em um tempo histórico do século XIX, os participantes foram investigar possíveis doenças e epidemiologia que assolaram aquela sociedade para dar um fim ao personagem que era mestre de capoeira. Encontraram a varíola e estudaram as características das doenças virais para compor a dinâmica na narrativa. Afinal, enquanto uma personagem curaria o pai do protagonista com chás e ervas, havia um personagem médico, representante das Ciências, para contrapor as formas tradicionais de tratamento da doença com argumentos científicos.

Como explicado anteriormente, os alunos que não puderam ou não quiseram participar do projeto “capociência” tiveram resistência nas oficinas realizadas em sala de aula. Porém, depois de um diálogo entre o professor e os adolescentes não participantes, foi expressiva a participação nas atividades. Os alunos então puderam construir narrativas em outras áreas esportivas, como futebol.

Entre gingas: desvelando a narrativa dos sujeitos

*Se eu pudesse eu voltava no tempo Sinhá.
Só pra ver como tudo aconteceu.
Se eu pudesse eu voltava no tempo.
Voltava no engenho e senzala
Pra ver como a capoeira nasceu.
Mestre Barrão*

Por fim, é chegado o momento de discutir e analisar a narrativa produzida pelos jovens participantes do projeto com a equipe mediadora. Lembrando que os autores deste estudo fizeram parte da equipe, um como professor de Ciências da referida turma e o outro como professor universitário que coordenou as ações. Como resultado de todo esse trabalho interdisciplinar, foi possível a construção de uma narrativa dividida em quatro cenas, como já explicitado.

É possível identificar, logo na introdução da primeira cena, a controvérsia do contato entre portugueses e escravos, pois, brincando na ingenuidade infantil, não apresenta as divergências do cenário de opressão constituído por esses dois grupos sociais.

Cena 1: Dois meninos, ainda crianças, tornam-se amigos e estão brincando em frente à casa de angu, muito contentes. Um deles é filho de imigrantes portugueses, de família rica, e outro é pobre, filho de trabalhadores libertos. Um menino escravo foragido passa correndo na rua sendo perseguido pela guarda imperial. O menino português persuade o menino pobre a esconder esse escravo na casa de angu. E assim eles fazem juntos. De repente, eles são capturados pela guarda, que os repreende, já que essa cobertura a um escravo era proibida. O menino português se esquia, diz que não estava envolvido, e os guardas o identificam como alguém de origem rica e privilegiada. O menino pobre acaba sendo preso e fica com toda a responsabilidade. Ele fica retido e se revolta. A mãe vai visitá-lo na cadeia e, para consolá-lo, conta-lhe um segredo: o padraço (trabalhador braçal) é um entusiasta da cultura africana e é mestre de capoeira.

A questão da solidariedade e da injustiça social aparece na história representada pela comoção das duas crianças ao ajudar o menino perseguido e, em seguida, é tomada por sentimento de traição e injustiça, com a privação de liberdade por motivo fútil. Nessa cena, fica evidente a relação de vida dos adolescentes com os elementos sociais inseridos na história da narrativa, pois estão vivenciando um regime socioeducativo e privados de liberdade.

Em acordo com a perspectiva intercultural crítica (WALSH, 2010), as assimetrias sociais historicamente construídas por aspectos próprios da Modernidade, tais como a colonização, deve ser considerada nos processos educativos. Assim, ao trazer as relações da estrutura de poder para o cerne da narrativa, os adolescentes evidenciam as potencialidades dos diálogos interculturais visando à reflexão sobre a própria condição.

A grande desigualdade social vivenciada por esses adolescentes foi também outro ponto marcado durante a escrita da narração, ao estabelecer uma relação de amizade entre um menino imigrante português e um menino escravo.

A repressão do guarda imperial é uma situação que esses adolescentes vivem na “pele” ao cometerem um crime. Ao finalizar a cena 1 da narração, é notória a reviravolta que a história apresenta ao colocar elementos que dão novos rumos à narrativa. O menino pobre, após passar por um momento de injustiça, está bem próximo de se tornar um grande capoeirista, por meio dos ensinamentos que o padrasto irá compartilhar com o menino pobre.

Cena 2: O menino sai da prisão já crescido. Em casa, ele desenvolve uma relação de muita proximidade com o padrasto, o qual se torna um grande mestre e exemplo para ele, repassando ensinamentos da capoeira. Os treinos nas casas de angu e nos porões de sua casa se tornam cada vez mais frequentes, apesar de ser uma prática escondida e proibida na época. O padrasto adquire varíola, uma doença contagiosa transmitida por vírus. Um membro do grupo chamado Decâneo, que é estudante de medicina, explica que causa febre, dor no corpo, vômitos e lesões cutâneas. A mãe de João pede para chamar Juca, o curandeiro da comunidade, que faz um chá de ervas para curar o padrasto. Contudo, Decâneo aconselha não aderir a esse tipo de tratamento porque não teria sido aprovado cientificamente. No leito de morte, ele dá um conselho ao seu enteado: “sempre valorize a capoeira como um conhecimento e pense com a cabeça de um grande líder, e não somente pelo instinto da violência, da vingança e do ódio. Todas as pessoas devem ser tratadas como iguais”. O padrasto morre. O menino forma o seu grupo e se torna um grande líder. Na capoeira, seu nome de batismo é Feijão.

Nesse ponto da história, o menino já crescido consegue sair da prisão. Seu padrasto se propõe a ensinar ao menino os princípios da capoeira. Chama a atenção a composição familiar: a história mostra uma mãe presente e um padrasto que o ensina algo até então desconhecido. A ausência do pai fica marcada no texto, uma vez que foi construída coletivamente. Dois participantes foram questionados sobre o porquê de inserir o padrasto na história, e não o pai. As respostas foram: “Nunca tive a presença do meu pai; desde cedo ele nunca teve contato comigo, meu tio sim é um exemplo pra mim. Ele faz faculdade e, mesmo eu estando aqui dentro, nunca deixou de falar comigo. Quando eu sair, vou fazer como ele”; “As lembranças do meu pai é tudo coisa ruim. Apanhava. Minha mãe também. Não lembro nada de bom que ele pode ter me ensinado”.

A disposição do padrasto na narrativa é, portanto, algo que compõe a realidade do grupo. Não houve nenhuma discordância quanto ao mestre não ser o pai biológico. Ao contrário, essa lógica educativa e de cuidado apareceu de forma consensual entre eles. A forte presença da mãe também é bem marcada na dinâmica contada. Partindo da premissa de que as personagens são projeções da realidade de vivências do grupo, pode-se inferir que a relação parental de cuidado, por vínculo biológico ou não, é fundamental para a identidade dos sujeitos que participaram da proposta.

Nessa mesma cena, o mestre/padrasto adquire a varíola, uma doença infectocontagiosa, que, naquele tempo, apresentava grande índice de mortalidade. Esse fato surge como resposta ao questionamento dos mediadores sobre a dinâmica da narrativa, ou seja, ocorrências que poderiam mobilizar interesse por aquele que lê o texto. Assim, discutiram a possibilidade de “matar” o mestre como forma de o protagonista assumir seu posto e levar a disseminação da capoeira. Portanto, utilizando as aulas de Ciências, questionaram o professor e realizaram buscas via internet utilizando a sala de informática da unidade.

Os adolescentes inseriram um personagem que dominava o conhecimento tradicional popular das ervas e que se apresenta como curandeiro que veio salvar o mestre, enquanto um dos membros do grupo de capoeira é estudante de medicina e tenta explicar a João (protagonista) o que é e como se contrai a varíola. Elementos do conhecimento científico são bem evidentes na busca de trazer os conflitos entre conhecimento tradicional popular e a ciência (medicina) para escrita da narrativa.

A priori queriam projetar a figura da estrutura básica de um vírus em uma tela ao fundo, ao mesmo tempo que a personagem representante do conhecimento tradicional olhava para a explicação, representada apenas com gestos corporais. Contudo, após os ensaios para representação da narrativa, resolveram retirar essa parte da cena. Ainda assim, vale destacar o quanto manipularam essa relação entre as Ciências Naturais e o conhecimento popular, tópico que poderia ser mais bem explorado em estudos futuros.

A grande reviravolta positiva na história ocorre quando o menino pobre, ao sair da prisão, é iniciado na capoeira. Esse parece ser um elemento potente a ser ressaltado na cena e que leva às reflexões sobre a realidade dos adolescentes internos da instituição em que o projeto ocorreu. Observando a produção da narrativa, pode-se notar que a consolidação da ressocialização vem por meio de algo que o faz reconhecido por um

grupo, mesmo que seja um grupo marginalizado, como foi o da capoeira. Isso o torna uma liderança e, na história, retira-o da ideia de vingança e, portanto, de cometer outro crime.

Segundo Abib (2004), a capoeira, enquanto universo simbólico da cultura popular, é marcado pela oralidade e pela ritualidade na consolidação dos saberes próprios dessa manifestação cultural. Há toda uma ancestralidade que resiste e se repete em sua prática sobre a “história não contada” dos oprimidos. Assim, aspectos da identidade dos sujeitos são revelados à medida que se articulam com os aspectos culturais populares como um *ethos* do povo oprimido, mas que, de certa forma, reverte, como na capoeira, usando a “negativa”³ para superar a relação de poder e se reapresentar como um signo que se repete sem ser notado. Os adolescentes parecem aderir a essa relação de pertencimento para dar voz à ânsia pelo reconhecimento de importância social do protagonista e, conseqüentemente, evidenciam seus próprios desejos presentes em seu imaginário social.

Dando sequência a narrativa, na cena 3, foram incluídos novos personagens. Há um encontro que novamente evidencia a diferença de classe social entre a personagem Maria e o protagonista João. O diálogo mostra a eficácia do processo educativo que João, agora Feijão, passou e as mudanças que ocasionaram. A história deixa evidente a consolidação de valores para além de técnicas de luta ou de violência. Há também o discurso da igualdade, mesmo em um contexto de assimetria socioeconômica marcada no texto:

Cena 3: Certo dia, uma moça (Maria) e João se esbarram de maneira ocasional na rua. Ela o trata com bastante preconceito e agressividade. A resposta dele, aplicando os valores humanos que seu mestre ensinou, é humilde e firme. João pede desculpas. Maria estranha o comportamento: “um rapaz negro e pobre me tratando bem?!”. Ele diz que aprendeu isso na capoeira: as pessoas são iguais, no sentido dos direitos e deveres sociais e diferentes nos quesitos culturais, e devem prezar pelo respeito, pela humildade e pela educação. João revela que poderia ensiná-la. Maria resiste. Ela se irrita e comenta que o marido sempre fala que capoeira é uma luta para atacar e gerar violência. João explica que capoeira é uma forma de arte, uma defesa e uma forma de dança que permite ao corpo bastante ginga. Mas tudo com base no respeito pelo próximo. Maria admite, então, a

curiosidade de conhecer a prática. Ela pergunta: “você me ensinaria mesmo depois da forma como lhe tratei? Além disso, eu sou branca”. Ele diz que não haveria problema nenhum: a capoeira era para todos e o conhecimento era livre. Maria alerta a João que seu marido, um guarda imperial (é Pedro, mas João a essa altura ainda não sabe), não pode ficar sabendo desse combinado. Eles se aproximam nessa relação de aprendizagem. A moça fica cada vez mais aplicada. Do ódio começa a nascer o amor.

Nessa cena, ficou perceptível a desconstrução de conceitos criados a respeito da capoeira, ou seja, aqueles que tinham a visão da capoeira como prática violenta a reconheceram como um meio de desenvolvimento afetivo e corporal, bem como a importância do trabalho em equipe – fato vivenciado pelos adolescentes ao longo das oficinas, em que se discutiu o papel do mestre e de onde vêm sua autoridade no grupo, a função de cada instrumento e, principalmente, a relação de coletividade existente na capoeira. Durante as práticas, havia um grande respeito com a roda e com o mestre e compromisso com os movimentos.

Importante ressaltar que, nesse período, os agentes socioeducativos, que trabalhavam na unidade, acusaram alguns meninos de praticar a capoeira nos dormitórios. Apesar das explicações da equipe sobre a não violência implicada na prática, houve resistência por parte desses servidores. Em uma conversa com o grupo, ao longo de todo o período, não houve mais nenhum registro de prática da capoeira em horários externos aos do projeto, evidenciando a vontade de participar e sua importância.

E esses elementos foram inseridos na história, no momento em que João, o menino pobre, conhece Maria e oferece a possibilidade de aprendizado para que ela pudesse compreender a capoeira como manifestação cultural. Aqui há mais uma evidência do diálogo intercultural presente na narrativa. A partir de um contexto de diferença étnica e de desigualdade socioeconômica, há o vínculo pela empatia e pela amizade, transformando-se, posteriormente, em amor. As relações afetivas desveladas permitem (re)afirmar a importância da experiência e da horizontalidade nas relações sociais para a prática intercultural. Contudo, não é possível negar as assimetrias historicamente produzidas, mas estabelecer diálogos e negociações de saberes, como diria Walsh (2010) e Candau (2008), a partir de relações afetivas, como amizade e amorosidade, representadas na narrativa.

Na cena 4, ocorrem o clímax e o desfecho da história. O antagonismo entre o negro pobre e o guarda filho de portugueses aparece como dinâmica de conflito por meio do triângulo amoroso constituído pelos jovens.

Cena 4: Pedro desconfia da rotina da esposa, que tem chegado tarde em casa. Começa a reunir toda a sua guarda para farejar as saídas da mulher. Eles descobrem que ela estava treinando capoeira e constata que o mestre Feijão é seu amigo de infância. Os guardas armam uma emboscada e há um conflito. Como estão em maior número, acabam encurralando Feijão. Em um conflito final, Maria entra na frente e se sacrifica (sem uma definição se ela de fato morre ou não), para mostrar que ela amava os dois e que, para ela, o amor devia sempre vencer e ficar acima do ódio. Pedro e Feijão percebem que suas divergências eram pequenas demais para alimentar tanta discórdia. Eles poderiam ter convivido e ter escrito outra história. Uma história de mais respeito às diferenças, união, justiça social entre as pessoas e amizade, assim como prega a capoeira.

Por fim, o clímax da narrativa e a tentativa de associar uma moral de história se encontram nessa cena 4, em que os adolescentes puderam exprimir que a violência nem sempre é a melhor forma de lidar com o “outro”. Pedro, o guarda imperial, ao vingar de João, acaba atingindo Maria. Um ponto para análise é que os alunos não quiseram definir durante a história se a vida de Maria seria ceifada ou não. Vale ressaltar que boa parte desses alunos enfrenta a violência de perto e que a morte é um elemento a que estão sujeitos ao cometerem um ato infracional.

O sacrifício de Maria aparece como unidade simbólica da mulher, do amor, do cuidado que é sacrificado por conta do conflito e da violência. Essa representação foi analisada com olhar atento à própria realidade notada no período de cerca de um ano semanalmente com os jovens. A carência de cuidado (muitos não recebem visita de familiares), a falta de perspectiva e a autoestima baixa são fatores que frequentemente caracterizam esses sujeitos, que, muitas vezes, saem da unidade socioeducativa e retornam às práticas em conflito com a lei.

Importante ressaltar que, ao final do processo de criação da narrativa, o grupo decidiu convidar um artista de fora para fazer o papel de narrador da história. A sugestão que partiu dos jovens é que fosse alguém ligado ao

hip-hop. Realizando um desejo dos adolescentes, o grupo indicou um rapper africano que vive e estuda no Brasil para participação do evento final de representação da narrativa. Descrever a história do encontro desse artista com os adolescentes é considerado parte dos resultados deste estudo.

Fristtram Helder Fernandes é natural da Guiné-Bissau, país africano de colonização portuguesa, na ocasião com 29 anos e cantor de hip-hop desde os 12. Já gravou dois álbuns com composições próprias, muitas delas discutindo temas, como superação, preconceito, desafios e lutas. Ele vive em Florianópolis e cursa Ciências da Computação na Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, é presidente da Associação dos Estudantes Guineenses no Estado de Santa Catarina e também é membro fundador da União dos Estudantes Guineenses nas Américas com sede nos Estados Unidos, ambas organizações estudantis sem fins lucrativos.

Desde que chegou ao Brasil, tem enfrentado preconceitos, obstáculos e choques culturais, desafios que desconhecia no seu país de origem. O encontro de Fristtram com os adolescentes, durante o evento promovido em parceria com a universidade e com um público de mais de 700 pessoas, evidenciou uma aproximação do lugar social, político e cultural que o negro ocupa na sociedade brasileira ainda hoje, algo que o aproxima da maior parte dos 60 jovens que participaram do projeto.

O desafio proposto foi de que o artista musicalizasse a narrativa produzida pelos meninos no gênero rap. Ver um homem negro, imigrante de um país africano, artista e estudante de uma universidade federal cantando o texto autoral, enquanto encenavam o texto com pessoas da equipe multidisciplinar para um grande público, simbolizou grande conquista para os jovens e motivo de perspectivas de ressocialização a partir do diálogo com outras experiências, que incluíam identificação nos processos de exclusão social e preconceito.

Na discussão final que ocorreu após a apresentação da narrativa, houve um encontro surpreendente. Um dos integrantes do grupo de capoeira que participou da encenação se apresentou a Fristtram como refugiado angolano. Após um abraço entre africanos e seus depoimentos da necessidade de consciências política e vida longe do crime, foi possível identificar falas dos jovens no sentido desejado pela proposta desde seu início: “O Fristtram nos ensinou que minha história não está pronta, eu posso fazer diferente”. Ou como na fala de outro adolescente: “Sempre pensei que minha vida tinha que ser assim; ver o mestre e o Fristtram aqui mostraram que há outros caminhos”.

Nota-se que os adolescentes acreditam na mudança de possibilidades para a formulação de novas formas de vida consigo mesmo e, consequentemente, com o outro. Comumente, esse discurso leva a formular o entendimento de que o processo de enfrentamento da realidade social dos adolescentes em conflito com a lei deve envolver políticas sociais mais básicas, como foi possível realizar nessa parceria universidade-escola-comunidade, colocando em ações concretas aquilo que já está previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente.

“Iê: à guisa de conclusão”

*Sela meu cavalo pequeno
que eu já vou embora.
Sela meu cavalo pequeno
chegou a hora.
Contramestre Barata*

Buscando delimitar o tema proposto enquanto procedência, um adolescente, ao cometer um ato infracional, acaba cumprindo uma medida socioeducativa, para que possa se reintegrar à sociedade como um sujeito prático e reflexivo capaz de tomar decisões diferentes daquelas que motivaram sua vinda à instituição. Um dos fatores que interfere na prática de atos infracionais é o consumismo regido pelo capitalismo, regido pelas relações sociais, que acaba contribuindo para que os índices de jovens infratores aumentem cada vez mais.

Nesse sentido, para que essa reintegração seja eficiente, é necessária a prática de ações interculturais dentro do ambiente socioeducativo com a finalidade de promover a sensibilização nesses jovens. Uma dessas formas de sensibilizá-los é por meio de parcerias entre escola-universidade-comunidade.

Dessa forma, a proposta realizada nessa unidade pôde associar o uso da construção de narrativas que promovem diálogos interculturais entre o ensino de Ciências e a capoeira, com o intuito de identificar, em cada sujeito participante, suas diferenças e suas desigualdades, um cenário político de colonialismo que assola as comunidades brasileira e latino-americana.

Efetivamente, foi possível estabelecer uma análise assertiva da narrativa construída, trazendo o imaginário social como elemento potente de promoção do cruzamento de fronteiras culturais com o intuito de reco-

nhecimento do “outro” no processo de busca de um sujeito que possa se reintegrar, sem ser influenciado pelas estruturas de poder que corrompem boa parte das pessoas.

O produto final, a narrativa, pode expressar um pouco de cada adolescente, retratando, assim, suas vivências cotidianas que levaram até aquele ambiente socioeducativo. E o encontro com Fristtram fez com que os adolescentes enxergassem que existe possibilidades efetivas de mudança, a qual deve, primeiramente, partir de si mesmo e, conseqüentemente, refletir no outro.

Para a equipe realizadora e professores (universidade e escola), fica o desejo que esse trabalho possa ter contribuído para reintegração desses sujeitos na sociedade, despertando protagonistas de sua própria história de mudança. A realização desse trabalho multidisciplinar entre os níveis educacionais é um meio efetivo de modificação de paradigmas. A equipe acredita nessas ações interculturais que valorize as diferenças.

Enfim, espera-se que os adolescentes desinternados depois da realização desse trabalho levem para sua vida todas as experiências que a capoeira, aliada com as Ciências, pode promover, a fim de buscar a definição e o desenvolvimento de um modo de vida crítico-reflexivo sobre si mesmo e sobre os outros. As políticas sociais são o grande combustível para que esses privados de liberdade possam, em um processo autônomo de individualização, contornar os desenhos de sua própria vida.

Recebido em: 26/09/2018

Revisto pelo autor em: 24/10/2018

Aprovado para publicação em: 30/10/2018

Notas

1 Doutor em Educação Escolar pela Faculdade de Ciências e Letras, *campus* Araraquara, da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Atua no Departamento de Educação em Ciências da Natureza, Matemática e Tecnologias (DECMT), vinculado ao Instituto de Ciências Exatas, Naturais e Educação (ICENE), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFMT) no curso de Licenciatura em Educação do Campo, trabalhando em parceria com movimentos sociais ligados à questão agrária. Vínculo com movimentos sociais de Educação Popular dos cursinhos populares de Ribeirão Preto e região. Editor-chefe da revista Cadernos CIMEAC - Educação Popular. E-mail: danilo.kato@uftm.edu.br

2 Especialista em Educação Profissional e Tecnológica Aplicada à Gestão de Programas e Projetos de Aprendizagem pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM), *campus* Uberaba. Atualmente, é professor da educação básica pela rede pública de ensino de Minas Gerais. E-mail: michaeluciano@hotmail.com

3 Negativa é um movimento de defesa utilizado na capoeira em que, apesar de parecer subjugado por estar mais próximo ao solo, após uma possível queda, o capoeirista pode rapidamente reverter o jogo com movimentos de contragolpe.

Referências

ABIB, Pedro Rodolpho. **Capoeira Angola**: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas à Educação) – UNICAMP, Campinas, 2004.

AIKENHEAD, Glen. **Educação científica para todos**. Lisboa: Edições Pedagogo, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 15 set. 2018.

_____. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 15 set. 2018.

_____. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 15 set. 2018.

_____. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 16 set. 2018.

_____. **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE.** Brasília: CONANDA, 2006.

BRUNER, Jerome. **Cultura da educação.** Lisboa: Edições 70, 1996.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56, abr. 2008.

CASTRO, Maria Laura; FONSECA, Maria Cecília. **Patrimônio imaterial no Brasil:** legislação e políticas estaduais. Brasília: UNESCO/Educarte, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GODOY, Arlida S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, abr. 1995.

GURALH, Soeli Andrea. **O regime de privação de liberdade sob enfoque da socioeducação:** experiência do Centro de Socioeducação Regional de Ponta Grossa. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2010.

MILLAR, Robin, OSBORNE; Jonathan. **Beyond 2000:** science for the future. London: King's College, 1998.

MONTE, Franciela et al. Adolescentes autores de atos infracionais: psicologia moral e legislação. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 1, p. 125-134, 2011.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias.** Goiânia: Gwaya, 2005.

SANTOS, Taryn Sofia; KATO, Danilo; SILVA, Dayse Kelly. Capociência: a capoeira como manifestação cultural afro-brasileira na formação de professores de Ciências. **Revista de la Facultad de Ciencia y Tecnologia**, v. 1, p. 1681-1689, 2016.

SILVA, Gladson de Oliveira; HEINE, Vinícius. **Capoeira:** um instrumento psicomotor para a cidadania. São Paulo: Phorte, 2008.

WALSH, Catherine. Estudios (inter)culturales en clave decolonial. **Tabula Rasa**, n. 12, p. 209-277, 2010.